



PARALAPRACÃ



Os Cadernos de Experiências são materiais pedagógicos do programa Paralapracá destinados a profissionais que trabalham na Educação Infantil. Eles fazem parte da Coleção Paralapracá. Cada caderno aborda um eixo formativo – assim como a série de vídeos que também compõe a coleção – e visa apoiar os educadores na sua prática.

Este material foi elaborado a partir dos registros de professores e coordenadores pedagógicos, compilados durante a primeira edição do Paralapracá, que aconteceu entre 2010 e 2012, nos municípios de Feira de Santana·BA, Jaboatão dos Guararapes·PE, Campina Grande·PB, Teresina·PI e Caucaia·CE. Nas próximas páginas, há uma série de experiências vivenciadas pelos profissionais, crianças e seus familiares e comentadas por especialistas na área, a fim de explicitar questões teóricas, validar, problematizar e sugerir novas práticas pedagógicas a partir do que foi realizado.



DICAS



SAIBA MAIS



EDUCADOR



ESPECIALISTA

PARALAPRACÁ



O Caderno de Experiências *Assim se Faz Literatura* é uma publicação do programa Paralapracá. O programa é uma frente de formação de profissionais da Educação Infantil criada em 2009, por meio de uma parceria entre a Avante – Educação e Mobilização Social e o Instituto C&A.

O Paralapracá foi implementado em diversos municípios e teve sua eficácia reconhecida pelo Ministério da Educação (MEC) em 2015, quando passou a integrar o Guia de Tecnologias Educacionais do MEC. O programa é uma metodologia da Avante, passível de ser implantada em regime de parceria em qualquer localidade brasileira.

Esta publicação faz parte da Coleção Paralapracá e está licenciada sob a Licença Creative Commons Atribuição Internacional 4.0 (CC BY 4.0). Para ver uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR> ou envie uma carta para Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA, 94042, Estados Unidos.

Realização

Avante – Educação e Mobilização Social
Instituto C&A

Seleção de experiências pedagógicas

Milla Alves
Mônica Martins Samia

Concepção

Avante – Educação e Mobilização Social

Leitura crítica

Liane Castro de Araujo

**Equipe de elaboração da Coleção
Paralapracá****Revisão de estilística**

Clarissa Bittencourt de Pinho e Braga

Coordenação editorial

Mônica Martins Samia

Atualização de conteúdos da 2ª edição

Mônica Martins Samia

Autoria

Ana Oliva Marcilio
Milla Alves

Revisão técnica da 2ª edição

Janine Schultz

Coleta de experiências pedagógicas

Maria Aparecida Freire de Oliveira Couto
Fabíola Margeritha Bastos
Janaina G. Viana de Souza
Iany Bessa
Lilian Galvão

Produção editorial da 2ª edição

Sandra Mara Costa

Revisão ortográfica

Mauro de Barros

Projeto gráfico, editoração e ilustrações

Santo Design



Sumário

Apresentação	7
Assim se faz literatura	9
Dialogando com as práticas	11
Práticas comentadas	19

Apresentação

A palavra “assim” pode indicar as diversas possibilidades de se fazer algo, a depender do contexto que este “algo” acontece e das pessoas que dele participam. No Paralapraca, “assim” representa a diversidade de fazeres e saberes encontrados nas mais de cem instituições de Educação Infantil que participaram da primeira edição deste programa de formação. O objetivo dos Cadernos de Experiências do Paralapraca é compartilhar as práticas vivenciadas e também realizar um diálogo entre teoria e prática, com vistas a se constituir em um material formativo.

A primeira edição do Paralapraca transcorreu entre os anos de 2010 e 2012 e trouxe uma proposta de formação continuada para profissionais da Educação Infantil tendo como base seis eixos formativos relevantes no currículo deste segmento: *Assim se Brinca*, *Assim se Faz Arte*, *Assim se Faz Música*, *Assim se Faz Literatura*, *Assim se Explora o Mundo* e *Assim se Organiza o Ambiente*. A iniciativa foi implementada em instituições de Educação Infantil de cinco municípios de diferentes Estados da região Nordeste do Brasil:

- Campina Grande • PB;
- Caucaia • CE;
- Feira de Santana • BA;
- Jaboatão dos Guararapes • PE;
- Teresina • PI.

A formação continuada provida pela ONG Avante – Educação e Mobilização Social, parceira do Instituto C&A na criação do Paralapraca, bem como o acompanhamento do trabalho das instituições de Educação Infantil que participaram da iniciativa, permitiu o registro e a sistematização

de suas práticas pedagógicas e produções culturais. Parte das experiências retratadas pelos profissionais foi, então, transformada nesta nova série de cadernos.

Os caminhos percorridos e registrados revelaram as mudanças ocorridas, os resultados e a reflexão sobre as práticas e as concepções de infância e de Educação Infantil que, por sua vez, foram sendo revisitadas, problematizadas e reconstruídas no percurso. Os registros indicam um caminho trilhado, não um ponto de chegada. Foi muito importante documentar este processo formativo para aqueles que dele participaram. Por meio desse recurso, tem-se a oportunidade de ajudar outros interlocutores a vislumbrar e a pensar sobre novas possibilidades e novos percursos.

É possível que, ao degustar o material, se identifiquem distâncias entre o dito e o vivido, o teorizado e a prática, o desejado e o realizado. No Paralapraca, assumimos que essas distâncias são parte inerente do processo e as consideramos provocativas. Nós esperamos que elas fomentem um ambiente reflexivo, assim como o olhar criterioso e diverso na busca de práticas pedagógicas mais coerentes, conscientes e possíveis.

Apresentamos os seis eixos formativos em separado nos Cadernos de Experiências, mas como linguagens e elementos curriculares eles se integram, e isso é explicitado muitas vezes nos registros. Este é um alerta necessário para manter os profissionais atentos ao enfoque integrado que deve caracterizar o currículo da Educação Infantil.

Esperamos que, acima de tudo, esta publicação seja capaz de apontar caminhos possíveis para outros educadores e que estes possam se inspirar e conhecer um pouco da trajetória daqueles que escreveram a história do Paralapraca em sua primeira edição. Ela expressa os valores e o reconhecimento da Avante e do Instituto C&A de todo esse processo de reflexão e transformação pelas quais diversas redes municipais de educação e seus profissionais passaram no decorrer da formação.

Assim se faz literatura

Perde-se na noite dos tempos — ou
seria da madrugada? — a origem
da arte de narrar.

BETTY COELHO, 1989



A narrativa de histórias é um dos meios mais antigos de interação social e expressão cultural e está presente em todas as culturas. Ela é usada para compartilhar conhecimentos e valores e aguçar a imaginação e a fantasia.

No vídeo *Assim se Faz Literatura*, da Coleção Paralapracá, Silvio Carvalho fala que a experiência literária permite às crianças se conectarem com sua humanidade, seja ouvindo, contando, lendo ou imaginando histórias. Silvio fala também que, em contato com as histórias, a criança pode imaginar e materializar aquelas palavras, dar cor, forma e vida à história contada ou lida. A mediação de literatura é uma conexão entre mediador e sua cultura com seus ouvintes e consigo mesmo.

Por isso, é fundamental fazer com que a leitura e a contação de histórias sejam incorporadas à rotina das instituições de Educação Infantil, sem tirar desse momento toda a liberdade, especialidade e riqueza que ele pode proporcionar, para que se crie um relacionamento rico e saudável com a leitura e a literatura.

Somente iremos formar crianças que gostem de ler e tenham uma relação prazerosa com a literatura se propiciarmos a elas, desde muito cedo, um contato frequente e agradável com o objeto livro e com o ato de ouvir e contar histórias.

KAERCHER, 2001, p. 82

O contato frequente com o mundo da literatura — a literatura em sentido amplo, envolvendo as práticas literárias orais e escritas — é fundamental na Educação Infantil. Porém esse contato não pode perder a dimensão do prazer que deve proporcionar. O conto, o reconto, a leitura, a escuta, a poesia, a parlenda, o trava-língua e outros tantos jeitos de viver o mundo literário devem estar presentes na vida da criança, através de um contato libertador, lúdico e de forma que faça sentido para ela, naquele momento.

É importante não perder de vista que a participação das crianças da Educação Infantil em situações de leitura e apreciação de histórias, bem como em quaisquer outras práticas letradas e em outras situações de aprendizagem, é uma participação que sempre envolve o brincar, o lúdico, o prazer, pois a brincadeira é a principal característica da cultura da infância.

É fundamental, por isso, um olhar cuidadoso para a literatura na escola, para não mecanizarmos ou institucionalizarmos esse momento, perdendo aspectos importantes do universo literário, como a magia, a criatividade, a espontaneidade. Cabe a nós, profissionais, possibilitar às crianças a convivência com esse universo recheado de encantamento, fantasia e aprendizagens.

Esta publicação busca estabelecer um diálogo com os professores e coordenadores acerca de suas experiências no mundo da leitura e da literatura a partir do Paralapracá. O caderno explora diversas possibilidades da contação de histórias e da mediação de leitura no cotidiano da Educação Infantil a partir de relatos e reflexões dos professores e coordenadores, articulando esses relatos a argumentos teóricos e metodológicos de especialistas.

O impacto do Paralapracá no cotidiano de diversas instituições de Educação Infantil foi sentido rapidamente a partir da mudança de atitude dos próprios professores por meio da reflexão sobre suas práticas, a organizar o ambiente e a promover formas diversificadas de contato com o mundo literário. Sobre o trabalho com literatura na Educação Infantil, a professora Eliane Mota, da Creche Vovó Adalgisa, de Campina Grande - PB, comenta:

...ao dispor à criança um livro, estou permitindo-lhe o direito de sonhar, de imaginar, de criar, de dar vazão aos seus sentimentos...

Dialogando com as práticas

Quem conta um conto...



Se observarmos atentamente, veremos que é destas práticas, de ouvir e contar histórias, que surge a nossa relação com a leitura e literatura. Portanto, quanto mais acentuarmos no dia a dia da Escola Infantil estes momentos, mais estaremos contribuindo para formar crianças que gostem de ler e vejam no livro, na leitura e na literatura uma fonte de prazer e divertimento.

KAERCHER, 2001, P. 82

Era uma vez uma mala... recheada de cores, magia e encantamento. Uma mala que trazia em sua essência algumas “guloseimas” raras, que seriam degustadas bem devagar para que pudéssemos sentir alguns prazeres, como conhecer, aprender, ensinar, refletir, colaborar e, principalmente, acreditar que as mudanças são possíveis.

JANAINA GOMES VIANA DE SOUZA, ASSESSORA TÉCNICA DO PARALAPRACÁ EM TERESINA · PI



A fim de apoiar a implementação do Paralapraca, as duas primeiras edições do programa ofereciam às escolas uma mala contendo livros e outros recursos para promover o acesso das crianças e professores a materiais de qualidade, como livros de literatura, li-



Nas primeiras edições do Paralapraca, esta mala tinha a função de promover o acesso a livros e materiais de qualidade às crianças e professores e seu efeito sempre foi bastante mobilizador. Experimente organizar algo parecido. O encantamento é garantido!



vros técnicos e materiais de artes visuais e música. Essa estratégia foi especialmente importante numa época em que muitas instituições de Educação Infantil não contavam com acervos próprios de literatura infantil e literatura técnica para a formação, por exemplo. A história mostrou que a ideia da mala foi muito bem-sucedida e seu efeito sempre foi bastante mobilizador e inspirador.

O primeiro grande impacto do Paralapracá nas instituições de Educação Infantil era com a mala mesmo. Quando ela chegava nas escolas, parece sempre mais carregada do que quando era enviada! Quando aberta, seja pela criança, seja pelo professor, o material rico e belo despertava interesse e fascinação, principalmente para aqueles que têm sangue de griô! Além disso, a chegada da mala instigava o professor a mexer, explorar, ler e contar histórias e, mais ainda, a transformar as práticas literárias na instituição.

Parece que a ideia de organizar na instituição uma mala como essa tem mesmo o poder de religar o adulto à criança dentro dele. E essa, para o griô, é uma ligação fundamental. Diversos especialistas, teóricos e renomados contadores reiteram que é fundamental o prazer, o desejo, a liberdade no ato de contar história.

Outro aspecto relevante na contação ou leitura de histórias é que, sobretudo quando se trata de crianças pequenas, o lúdico e o divertido são fundamentais. A professora Junia Barbosa Luz do Rêgo relata:

As crianças adoraram a vivência com a leitura e a contação de histórias. Demos um mergulho na história através da leitura realizada pelas professoras na hora

🔍 O griô é um guardião da memória e da história oral de um povo ou comunidade, é um líder que tem a missão ancestral de receber e transmitir os ensinamentos das e nas comunidades. A palavra é sagrada e, portanto, valorizada num processo ancestral como fio condutor entre as gerações e culturas. Neste contexto também assim são considerados sagrados os griôs enquanto mantenedores dessas culturas. O ser griô é ritualístico, sua vida é formada por uma preparação em que ele tem o dever de escutar por um determinado tempo, o que para aquela comunidade é sagrado, e posteriormente transmitir esses ensinamentos. <WWW.CULTURA.GOV.BR/CULTURAVIVA/CATEGORY/CULTURA-E-CIDADANIA/ACAO-GRIO>

★ A expressão “contação de histórias” é usada em dois sentidos distintos — tanto no relato e reflexão dos profissionais de educação quanto nas teorizações dos autores. Por vezes, aparece em um sentido mais amplo, que inclui contar histórias com ou sem livro e, por outras vezes, aparece no sentido mais específico de contar histórias da tradição oral, sem ler, em contraponto com a leitura literária, com o livro. Sendo ambos legítimos, é importante observar em que sentido a expressão está sendo usada a cada momento.



da rodinha e nos momentos de reconto realizados pelas crianças. Ao final de uma semana, as crianças já contavam e recontavam a história com desenvoltura e facilidade. O grupo vivenciou momentos prazerosos de descoberta através da leitura lúdica e pudemos perceber o valor que deve ser dado à leitura e ao reconto na Educação Infantil.

JUNIA BARBOSA LUZ DO RÊGO, DA CRECHE MUNICIPAL PROFESSORA ALCIDE CARTAXO LOUREIRO, DE CAMPINA GRANDE · PB



A partir do Paralapraca, os professores passaram a explorar também as diversas formas de usar um mesmo material e a criar novos materiais, sejam eles livros, fantoches ou cenários. Variações nas propostas, no planejamento, no formato da contação, na organização do espaço, na interação com a família/comunidade — tudo isso parece ter se ampliado com o Paralapraca.★
A professora Márcia da Silva, da Creche Galdina Barbosa Silveira, conta:

★ Para pensar em diversas formas de mediação de leitura literária e de contação, é importante retomar o Caderno de Orientação *Assim se Faz Literatura*, bem como o vídeo desse eixo e, para aqueles interessados no reconto de histórias, existe nesse caderno uma seção dedicada a essa estratégia de mediação.



Durante o processo de desenvolvimento do projeto, a exploração do material pelos alunos aconteceu de diversas maneiras, tipo rodas de leituras, contador de histórias, *self-service* do livro, cadeira do leitor, gira-gira e feira do livro, recontando a estória e repórter do livro. Realizamos oficinas de desenhos, realizamos contação em sala de aula, no pátio ao ar livre. Explorando outros ambientes, organizamos a hora do conto com personagens caracterizados, bem como com a exposição do mural de contos e reconto, fábulas, etc.★

MÁRCIA DA SILVA, DA CRECHE GALDINA BARBOSA SILVEIRA, CAMPINA GRANDE · PB

★ Na Educação Infantil, os momentos de ouvir histórias, lidas ou contadas, podem ser enriquecidos com outros momentos de exploração dos próprios livros e da leitura pelas crianças. Elas folheiam os livros e, apoiadas na ilustração e na memorização, recuperam sua sequência e contam, a seu modo, as histórias que já conhecem, experimentando modos de ler o texto antes mesmo de dominar a leitura. Essa é também uma situação interessante de aprendizagem de procedimentos de leitura e comportamentos leitores, junto com ouvir histórias lidas e contadas.





PAULO LEITE





Ainda em Campina Grande, Rubenice Lopes de Sousa, Sueli Oliveira Nascimento e Thaisa Raquel Cabral de França lembram que a leitura sempre fez parte do cotidiano de sua instituição, mas que, com a chegada da mala, os professores começaram a repensar o olhar deles sobre as crianças, no momento da contação. Elas explicam:

A contação de histórias por meio de materiais diversos, como livros, fantoches, tapetes e aventais, já era uma ação realizada, mas o Paralapraca trouxe uma maneira diferente de ver como as crianças se portam na sala. Em vez de ficarem sentadas como era de rotina, hoje deixamos as crianças mais à vontade para escolherem posições que sejam confortáveis: em pé, sentadas ou deitadas, enfim, as crianças ficam livres para escolherem posições que sejam adequadas para o momento.

RUBENICE LOPES DE SOUSA, SUELI OLIVEIRA NASCIMENTO E
THAISA RAQUEL CABRAL DE FRANÇA, DE CAMPINA GRANDE · PB



O Paralapraca funcionou como uma “chave”, cativando a todos e fazendo o desejo de deliciar-se com a literatura envolver as pessoas. A mala foi um objeto de encantamento e pôde servir de inspiração, mas há muitos outros. O importante é que a literatura seja cuidada como aquilo que ela é: uma expressão de arte que serve para maravilhar a todos, para nos envolver nas narrativas, propiciando sentimentos, sensações e elaborações pessoais sobre o mundo e sobre nós mesmos. É por isso que a literatura é tão central na constituição humana e no desenvolvimento das crianças.

Pensando a centralidade do contar e ouvir histórias na Educação Infantil, a professora Sylvia de Matos, do grupo de crianças de 4 anos, relata:

O eixo *Assim se Faz Literatura* foi e continua sendo vivenciado de forma intensa, uma vez que não daria para dissociar a contação de história da Educação Infantil, pois a vida de cada criança e suas vivências já são em si histórias que são contadas por elas próprias. E procuramos utilizar ao máximo as vivências das crianças, relacionando-as às histórias que nos trazem os livros.

SYLVIA DE MATOS, DA ESCOLA CIDI TIA ROMÉLIA EM CAUCAIA · CE





De fato, a literatura oferece referenciais de compreensão de si e do mundo, ainda que de modo simbólico e não necessariamente explicitado. E a professora Sylvia segue em suas reflexões referindo-se a dimensões diversas do reino da contação e da leitura de histórias: dimensões da cultura, identidade, ancestralidade, prazer, desejo e liberdade. E encerra:

Quero registrar aqui o quanto contar histórias se tornou significativo a partir dos materiais do projeto. Como é do conhecimento de todo professor da Educação Infantil, as histórias, para a criança, lhes permitem conhecer o mundo, usar a imaginação, criar e reinventar uma mesma história.

SYLVIA DE MATOS, DA ESCOLA CIDI TIA ROMÉLIA EM CAUCAIA · CE



ACERVO PARALAPRACA

Práticas comentadas

Histórias da guardiã da mata

MARINALVA DE JESUS E MAGDA CÉLIA DA SILVA

CRECHE GALDINA BARBOSA SILVEIRA, CRIANÇAS DE 4 ANOS DA ZONA URBANA, CAMPINA GRANDE · PB



A arte de contar histórias é milenar. (...) Todo povo tem histórias que contam as coisas que precisam saber.¹ Elas acompanham nossa vida, desde pequenos. Quem nunca parou para ouvir uma boa história contada pelo vovô, pela vovó, pela mamãe?² Quem não gosta de ouvir ou de ler uma boa história?

Foi proposto na formação do Paralapracá no eixo formativo *Assim se Faz Literatura* a elaboração de um plano para execução da ação, no qual cada professora escolhesse um gênero ou vários, até mesmo convidasse contadores de histórias para apresentação às crianças. A turma de 4 anos da tarde escolheu contos populares, em especial os que marcaram mais

1 No vídeo *Assim se Faz Literatura*, da Coleção Paralapracá, Silvio Carvalho fala da dimensão ancestral do contar histórias e, neste sentido, a história de Comadre Fulozinha, por fazer parte da cultura local, potencializa ainda mais essa conexão ancestral.

2 Gládis Kaercher fala sobre a transmissão geracional das histórias em si e da contação de histórias em particular em *Educação infantil pra que te quero?* Organizado por ela e Carmen Craidy, Artmed, 2001.



a nossa região. Convidamos a mãe de um aluno chamado Daniel, que, além de ter prazer em contar histórias, aceitou o convite com muito carinho.³ O ambiente disponibilizado foi a sala. A mãe, quando chegou, estava alegre e, com muita propriedade, apresentou às crianças um personagem folclórico bastante conhecido em nossa região: Comadre Fulozinha.

Inicialmente, foi feito um levantamento do conhecimento prévio das crianças acerca da lenda. Quase todas participaram expondo sua imaginação, foi muito divertido! Logo após ela contou quem era Comadre Fulozinha, onde ela vivia e o que ela fazia. O interessante é que as crianças interagiam o tempo todo.

Comadre Fulozinha, conforme nos ensina o mestre Câmara Cascudo, é um ente mitológico, uma fantástica e misteriosa mulher que vive na mata, sempre pronta a defender animais e plantas contra as investidas dos predadores da natureza. É uma caboclinha que tem longos cabelos negros, que lhe cobrem o corpo.

Ela é caminhante, brincalhona, consegue desaparecer sem deixar rastro e adora fazer tranças na cauda dos cavalos. Ela protege a caça contra os caçadores, desorientando-os com seus assobios e fazendo com que eles fiquem perdidos na mata. Adora receber presentes, como mingau, confeitos e fumo.

Ao término da contação da lenda, Márcia fez algumas indagações do que acabara de contar, e todos responderam com muito entusiasmo e sabedoria, inclusive seu filho Daniel, que estava muito feliz e tentando demonstrar aos seus colegas que aquela era a sua mãe.

Enfim, foi uma atividade que contribuiu com a ampliação do repertório cultural dos alunos, a integração da instituição e comunidade, favoreceu a oralidade, socialização e participação das crianças, concedendo oportunidade de estabelecer um elo maior entre professores, alunos, pais e comunidade.



3 Pensando na dimensão de transmissão de cultura e construção de identidade que ouvir e contar histórias proporciona, esta atividade alia alguns aspectos interessantes que podem e devem ser explorados pela escola: a interação com a comunidade/família, trazendo contadores locais para dentro da instituição de Educação Infantil; a transmissão da cultura oral local a partir da escolha do gênero — contos populares —; e o fortalecimento dos vínculos família/escola. A atividade também promove uma experiência muito importante em relação à construção da identidade das crianças, que veem as histórias da comunidade/região serem valorizadas. Com isso, começam a compreender que todos nós somos protagonistas de uma história.



Na publicação *Estação Paralapracá*, você vai encontrar outras narrativas como esta na seção *Paisagens Narrativas*. É um convite a valorizarmos mais este tipo de vivência, tornando-as parte do currículo da Educação Infantil. Outras formas de explorar a dimensão cultural da contação de histórias podem ser encontradas no Caderno de Orientações e no vídeo *Assim se Faz Literatura*, da Coleção Paralapracá, bem como na leitura de Gládis Kaercher.

Conta lá que conto cá



MARLUCE DUARTE CATÃO

CRECHE MUNICIPAL COTINHA CARVALHO,
CRIANÇAS DE 3 E 4 ANOS DA ZONA URBANA,
CAMPINA GRANDE · PB

O educador deve permitir que o livro faça parte do cotidiano das crianças, sendo comparado ao brinquedo, que diverte, estimula o imaginário, emociona e auxilia na oralidade infantil. Conscientes em despertar nas crianças o gosto pela leitura, as professoras da Creche Cotinha Carvalho desenvolveram, a partir da temática *Assim se Faz Literatura*, o projeto *Conta lá que conto cá*. Tal projeto tem o objetivo de formar leitores e desenvolver o prazer pela leitura com a participação da família, através do empréstimo de um livro.⁴

Tudo iniciou com a confecção de uma sacola para cada grupo. Às sextas-feiras, uma criança é sorteada para levar um livro para casa. A leitura deste livro deverá ser feita pelos pais ou responsáveis⁵, que deverão registrar no caderno como foi a experiência de leitura em casa e encaminhar



4 Fomentar o gosto pela leitura é o objetivo central do trabalho dos professores. Criar estratégias diversificadas de leitura é uma ótima alternativa para cativar o leitor. É também uma forma de ampliação do repertório linguístico das crianças, bem como proporciona maior contato com o material de leitura. Outro aspecto interessante é que o movimento *Conta lá que eu conto cá* pode fortalecer os vínculos familiares entre pais e filhos e entre a família e a leitura.



5 Algumas das estratégias para desenvolver o gosto pela leitura e os comportamentos leitores na primeira infância implicam a diversificação de gêneros literários, de tipos de livro e da ambientação. O projeto *Conta lá que conto cá* pode favorecer também um processo de leitura mais livre e diversificado em casa: a leitura que o filho faz para os pais, os irmãos que leem juntos, os pais que leem para seus filhos; a leitura pelo prazer pela leitura, pelo ler em família, sem necessariamente fazer registros ou outro tipo de atividade. Ler em família pelo gostinho de ler em família.



para a escola dentro da sacola na segunda-feira⁶. Nesse dia, a criança irá recontar a história para todo o grupo e relatar como aconteceu a contação em casa, fortalecendo assim a proposta do projeto *Contalá que conto cá*.

É importante salientar que essa experiência não para por aqui, pois a intenção da equipe é criar aos poucos novas estratégias de leitura⁷ que possam expandir cada vez mais na criança e na família hábitos saudáveis de leitura.



Embora a leitura seja frequentemente associada a “hábito”, por defendermos a leitura como uma prática habitual, cotidiana, frequente, seria interessante, por outro lado, problematizarmos o uso da palavra “hábito” nesse contexto, já que nela está contida, de alguma forma, a ideia de algo que se faz por repetição, de forma automática, mecânica, sem pensar muito, sem ter necessariamente intenção ou desejo, por vezes até por dever, sem vontade. Podemos falar de fomentar a prática cotidiana de leitura, pois assim fica resguardado o caráter mais significativo da literatura: o ler pelo desejo de ler, o ler por ler. Pensar a leitura como prazer e encantamento, liberdade e criatividade já distancia as ações cotidianas de leitura e contação da ideia de “hábito”, conforme argumentam não só alguns teóricos, mas também os próprios professores, através de seus relatos de prática.

A experiência relatada nos ensina que não é preciso muito para enredar as crianças no universo mágico da literatura. O engajamento da equipe de profissionais e a crença na criança e em suas famílias são, entretanto, fundamentais. Acreditar que uma cultura leitora pode ser desenvolvida no âmbito familiar e acreditar no envolvimento dos pais fizeram com que esta comunidade

6 Ampliar o leque de possibilidades, tanto das formas de registro da experiência quanto do reconto da história, pode ser uma maneira interessante de fortalecer esta ação. Possibilita maior liberdade, fluidez e engajamento, tanto da família quanto da criança.

7 Vale esclarecer que o relato da professora refere-se a estratégias de promoção da leitura. A expressão “estratégias de leitura” está associada a um conceito bem específico, tratado por alguns autores, a exemplo de Isabel Solé. Refere-se a estratégias de compreensão leitora, como a seleção, a inferência, a antecipação, a verificação, entre outras, que são usadas pelo leitor proficiente para compreender o que lê e que podem ser desenvolvidas desde cedo, através do modo como vamos promovendo as interações das crianças com os textos, favorecendo sua autonomia na compreensão leitora. Não é a este conceito que a professora está se referindo, especificamente (ver Solé, I. *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998).



escolar se unisse em torno de um propósito comum. Certamente, o prazer vivenciado por estas crianças tornou-as mais felizes, permitindo construir um vínculo positivo com a leitura, o que, seguramente, vai colaborar para sua história como leitoras.

A história da bebeteca



MARLYLANE CÂNDIDO, SOCORRO QUIRINO, ANA CLÁUDIA QUIRINO E MARIA GEOVANIA

CRECHE MUNICIPAL VOVÓ ADALGISA, CRIANÇAS DE 3 E 4 ANOS DA ZONA URBANA, CAMPINA GRANDE · PB

A Bebeteca, que foi organizada a partir do eixo *Assim se Organiza o Ambiente*, foi um instrumento a mais de ação pedagógica no desenvolvimento do processo de contação e leitura de histórias junto às crianças do berçário da creche Vovó Adalgisa.⁸

Este espaço veio propiciar às nossas crianças um contato maior e mais direto com a literatura infantil. Nele, é permitido às crianças manusear os livros de forma livre, espontânea, sem que haja um direcionamento de qual(is) livro(s) elas podem explorar. Ao explorarem os livros, as crianças não são tolhidas em suas descobertas. As educadoras fazem intervenções ao nível das crianças, não existe o medo de os livros serem rasgados, por entendermos que as crianças têm uma forma própria de explorar e de ler.⁹

As rodas de leitura, que são realizadas diariamente no espaço da Bebeteca, trouxeram resultados fantásticos. O nível de concentra-

 **8** Como Karina Kizek fala no vídeo *Assim se Organiza o Ambiente*, da Coleção Paralapraca, pensar e promover um ambiente que contemple as necessidades, os desejos e o desenvolvimento da criança pequena é, por vezes, a grande intervenção do educador.

 **9** O medo de quebrar, estragar, sujar ou riscar os livros e outros objetos é bastante presente em instituições de Educação Infantil. É importante reconhecer esse medo, falar sobre ele e vencê-lo, pois a criança precisa e tem direito a explorar uma diversidade de materiais, objetos, brinquedos e livros, para que possa desenvolver com eles relações de prazer e de crescimento. Até porque, nesta faixa etária, é através dos sentidos que se compreende o mundo: cheirar, pegar, amassar, lançar e botar na boca possibilitam a exploração dos objetos e das ações a partir de diversos sentidos.



ção das crianças aumentou de forma surpreendente, encantador. Ao convidarmos as crianças para ouvir uma história, a adesão é total, e todas se dirigem a este espaço de prazer e de encantamento. Cada uma se acomoda livremente. Todas participam, seja prestando atenção, seja imitando os gestos da educadora, seja balbuciando (as crianças que ainda não conseguem articular palavrinhas) e/ou repetindo algumas palavras e expressões corporais que fazem parte da história contada.

Além disso, tem se tornado uma constante vermos as crianças dirigirem-se ao varal da Bebeteca, retiram um livro, sentam e começam a fazer uma pseudoleitura, apontando, balbuciando e, por vezes, outros coleguinhas se aproximam e ficam em roda ouvindo a história.¹⁰

Outro fato bastante interessante, ao qual dou os créditos aos trabalhos desenvolvidos na Bebeteca, está relacionado às “rodas de leitura” que fazemos enquanto as crianças aguardam as mães virem buscá-las. A cada uma é entregue um livro, de forma aleatória. Temos percebido a alegria das crianças ao receberem estes livros, bem como a expectativa de cada uma delas enquanto esperam o livro chegar a suas mãos. Muitas vezes ficam gritando “me dá, me dá”, “o meu, tia”. Percebemos assim o grande interesse que elas têm pelos livros. Elas se acomodam da melhor forma possível, sob a ótica delas, umas deitam-se, outras ficam sentadas, outras ficam em pé apoiando o livro sobre a grade do berço. Outras chegam até posicionar o livro da mesma forma que as educadoras fazem quando estão lendo uma história¹¹. É um momento que me deixa em estado de êxtase total, fico “maluquinha” ao ver as mais diversas re-

 **10** A possibilidade de explorar de forma autônoma os livros é muito importante para que se estabeleça uma relação positiva entre a criança e o livro. Esta estratégia do varal de livros dá à criança a liberdade necessária para que o desejo se manifeste e para que possa experimentar espontaneamente os comportamentos e procedimentos leitores que vai aprendendo através das situações de leitura de histórias pelo professor, como passar as páginas da esquerda para a direita, de modo sequencial, “ler” de cima para baixo e da esquerda para a direita, diferenciar ilustração e texto, imitar entonações, expressões e modos de contar.

 **11** As “rodas de leitura” permitem que as crianças interajam, colocando em prática comportamentos leitores/contadores que observam na postura do professor. Por serem realizadas no momento em que as crianças estão aguardando seus familiares, este espaço pode ser potencializado para seduzir também os pais e cuidadores para o mundo literário. Possibilitar que os adultos explorem esse espaço, desfrutem do momento e partilhem das histórias, seja contando-as para as crianças, lendo para si mesmos ou ouvindo-as contar, pode ser interessante como estratégia para envolvê-los.



ações. É criança “lendo”, apontando, sorrindo, fazendo movimentos, enfim, interagindo com as imagens. Nesse momento o silêncio é tão grande que podemos ouvir os sons que elas produzem enquanto folheiam os livros.¹²

Sinto-me realizada e consciente de que estou a cada dia no caminho certo. Estou feliz por saber que estou plantando uma semente que, com o passar do tempo, vai brotar e surgir leitores, pois sei que, ao dispor à criança um livro, estou permitindo a esta o direito de sonhar, de imaginar, de criar, de dar vazão aos seus sentimentos, contribuindo assim para a formação de um adulto crítico e consciente.¹³

Diante de tão maravilhosa experiência, fico às vezes envergonhada, pois quantas vezes não subestimamos uma criança, principalmente crianças tão pequenas, que aparentemente parecem não perceber o mundo e as coisas que nele acontecem. Porém a prática tem me revelado justamente o contrário do que um dia eu pensei. São crianças que estão e fazem parte do mundo, atuando nele e transformando a si e aos outros, em particular a mim.

12 A riqueza do momento aparece na riqueza do registro, a professora retrata com poesia e magia o momento da leitura na Bebeteca: escutar o barulhinho da leitura, o barulhinho do silêncio de quem está compenetrado, imerso no faz de conta, na história que ouve, vê, lê, saboreia.

13 Gládis Kaercher (2001) ressalta a importância de ler pelo prazer em ler. Ler por ler! A leitura como arte, cultura e tradição se basta por si só, independentemente do adulto leitor que formaremos, a criança deve ler pelo encantamento que a leitura pode lhe proporcionar, naquele momento mesmo em que está lendo. Do mesmo modo que a infância é um período da vida que tem valor em si mesmo e sentido próprio, que as crianças, os sujeitos infantis, são sujeitos plenos, sujeitos de direitos, com suas especificidades, conforme explicitam diversos autores e documentos oficiais referentes a este período da vida.



CRÉDITO

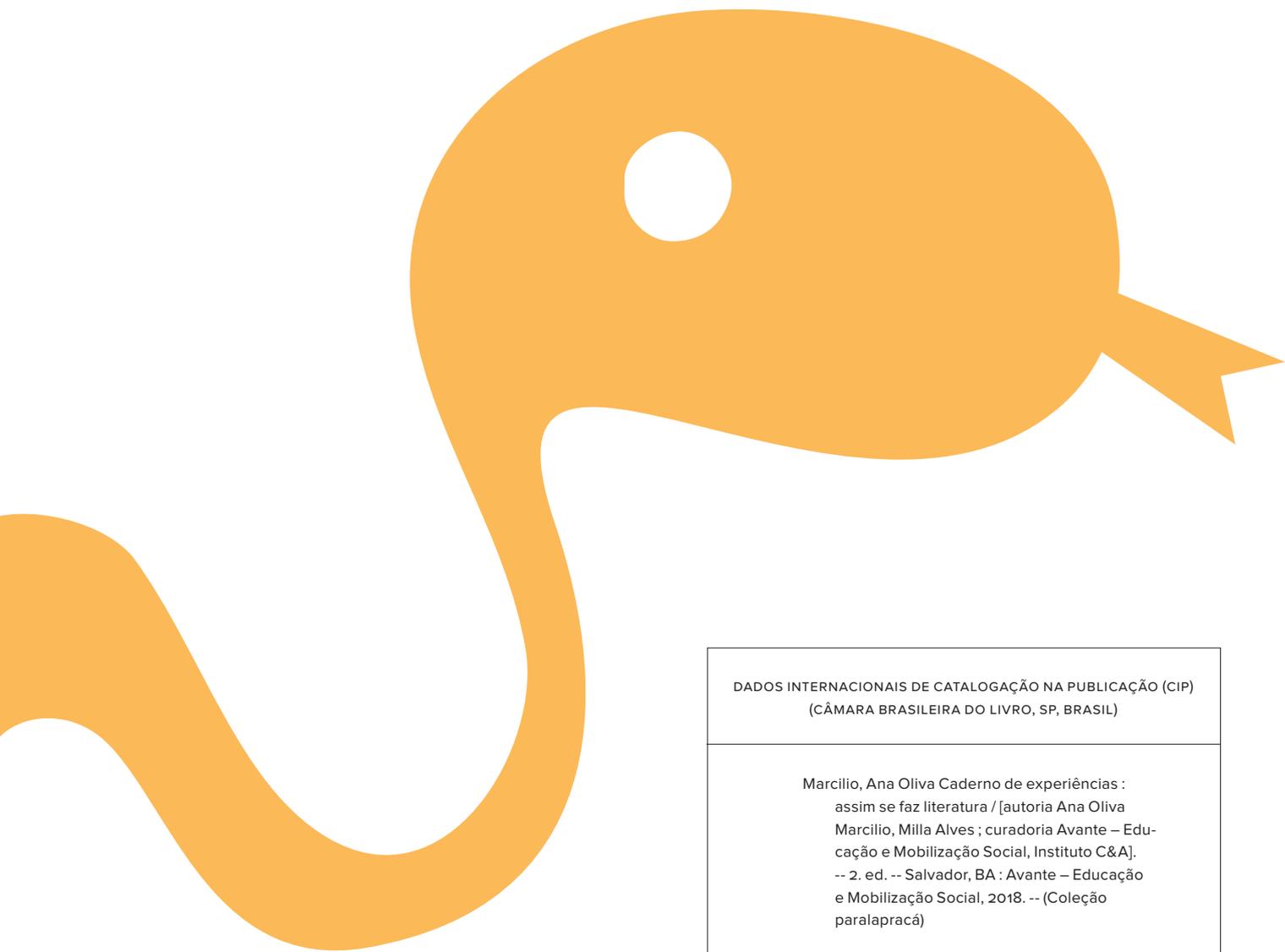


AGENCIO PARALAPRACA



Lá

- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1989.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2009.
- FARIA, Maria Alice. *Como usar a literatura infantil na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004.
- KAERCHER, Gládis E. *E por falar em literatura*. In: CRAIDY, Carmen Maria e KAERCHER, Gládis E. *Educação infantil pra que te quero*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- MACHADO, Ana Maria. *Contando histórias, formando leitores*/Ana Maria Machado, Ruth Rocha. Campinas, SP: Papyrus 7 Mares, 2011 — (Coleção Papyrus Debates).
- SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- TUSSI, Rita de Cássia & RÖSING, Tânia M.K. *Programa Bebelendo: uma intervenção precoce de leitura*. Global Editora, 2009.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2003.



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Marcilio, Ana Oliva Caderno de experiências :
assim se faz literatura / [autoria Ana Oliva
Marcilio, Milla Alves ; curadoria Avante – Edu-
cação e Mobilização Social, Instituto C&A].
-- 2. ed. -- Salvador, BA : Avante – Educação
e Mobilização Social, 2018. -- (Coleção
paralapraca)

Vários colaboradores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-60828-22-7

ISBN 978-85-60828-13-5 (coleção)

1. Coordenadores pedagógicos 2. Educação
infantil 3. Educadores - Formação 4. Formação
continuada 5. Paralapraca I. Alves, Milla. II. Avante –
Educação e Mobilização Social. III. Instituto C&A. IV.
Título. V. Série.

18-13596

CDD-372.21

Índices para catálogo sistemático:
1. Educação infantil 372.21

Esta publicação foi escrita por muitas mãos! As mãos de quem viveu ou testemunhou as experiências: professores/as, coordenadores/as e gestores/as das instituições de Educação Infantil parceiras do Paralapracá. As mãos e o olhar cuidadoso de estudiosos da Educação Infantil que realizaram o diálogo teórico e contribuíram com elementos reflexivos. As mãos laboriosas das assessoras e supervisoras do Paralapracá que contribuíram de forma especial para a coleta dos registros. As mãos de diferentes colaboradores que se debruçaram sobre os registros e os organizaram, mantendo a riqueza das experiências e articulando-os para melhor apreciação. A todos, o nosso reconhecimento, respeito e admiração!



